



ELAINE CAMPOS MOTTA FERNANDES

É graduada em Pedagogia pela UNICID Universidade da Cidade de São Paulo, em 2013. Pós-Graduada em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Campos Salles em 2018.

Profissional atuando como Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo.
motta.elaine@uol.com.br

RESUMO

Este artigo tem como finalidade abordar o tema das estratégias de leitura, mostrando que elas são instrumentos eficientes na formação de leitores proficientes. Busca-se, com este artigo, apresentar uma contribuição para o ensino da leitura por meio de uma proposta de ensino de estratégias que terão significado para o leitor. Para que exista a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto, é necessário um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre que lemos algo, lemos por uma finalidade. A leitura é um processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita, sendo o leitor um sujeito ativo que interage com o texto porque busca algo nele.

Palavras-chave: Leitura; Estratégias; Linguagem Escrita.

INTRODUÇÃO

O dicionário Aurélio define ler como verbo transitivo direto que pode significar: “percorrer com a vista (o que está escrito), proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as, ver e estudar (coisa escrita), decifrar e interpretar o sentido de, perceber, adivinhar e ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras”. Das várias definições que pode ter o “ler”, o importante mesmo é o que se faz desse ato: a leitura que pode ser em voz alta, baixa ou silenciosa, mas precisa existir uma troca entre quem lê e o que se lê. Quer dizer, se por um lado ler significa conhecer, interpretar, decifrar, do outro, está leitura que é um processo de interação entre o leitor e o texto. Portanto, mais, ainda, entre leitor, texto e autor.

Segundo Silveira (1998, p. 137)

Ler não é apenas relacionar significantes escritos a significados lingüísticos, conforme a crença dos estruturalistas, ou seja, um ato de decodificação, realizado a partir do conhecimento que os falantes têm do

sistema de uma língua; portanto, ler não se reduz a saber decifrar letras e reconhecer palavras escritas, ainda que essa seja a crença corrente em nossa escola que entende que para ser bom leitor basta conhecer a ortografia, o vocabulário e as regras gramaticais da frase. Ler é um processamento cognitivo complexo das informações que produz interacionalmente conhecimentos novos para o leitor.

Quer dizer que o momento da leitura é um momento de interação, de troca, de compartilhar, mas, ler e a leitura são atos vazios de significados, se nesse processo não consideramos o leitor e o texto, pois, é o leitor quem constrói significado de um texto por meio da leitura já que relaciona conteúdos, ativa conhecimentos pré-existentes e abre o olhar para novas possibilidades.

Dessa forma, definamos o campo de interação entre leitor e autor: o texto. De acordo com Koch (2005b, p.17), o “texto é um evento dialógico (interacional), lugar de interação entre sujeitos sociais contemporâneos ou não, copresentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas em diálogo constante”. Ainda, para Koch (2004a, p. 12), o texto pode ter várias concepções, entretanto, toma-se por base, para este trabalho, a definição de concepção de base sociocognitiva interacional de texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos.

O diálogo estabelecido entre leitor e texto é motivado por algo exterior, tais como, devanear, entreter-se; informar-se; seguir uma pauta de instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo), etc. Ou seja, para que exista a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto, é necessário um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre que lemos algo, lemos por uma finalidade.

Ao pensarmos na leitura com finalidade pedagógica, só podemos dizer que ela foi eficiente se resultar em aprendizagem significativa, para tanto, como dito anteriormente, deve-se existir um objetivo.

Para alcançar o objetivo de uma leitura, é necessário que se crie algumas estratégias. Para Koch (2007 c) a leitura de um texto exige muito mais que o conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores, pois, exige-se que o leitor mobilize inúmeras estratégias linguísticas e cognitivo-discursivas, a fim de levantar hipóteses, preencher lacunas apresentadas pelo texto; portanto, o leitor nesse processo é ativo, autor e leitor devem ser vistos como estrategistas na interação pela linguagem, pois, ambos estão construindo um diálogo em que o leitor está diante de palavras escritas por um autor que não está presente para completar as informações.

Portanto, ao ler, começamos a interagir com o texto quando acionamos os conhecimentos prévios de que dispomos, sejam sobre o mesmo assunto ou de algo que

nos parece relacionado, de modo que possamos atribuir significados às palavras, às frases e aos parágrafos que lemos. Os nossos conhecimentos prévios serão confirmados ou refutados durante a leitura. Nesse processo, relacionamos as novas informações ao repertório que já dispomos, ampliando-o e/ou transformando-o qualitativamente.

O LEITOR E AS CARACTERÍSTICAS DE UMA LEITURA SIGNIFICATIVA

O leitor experiente tem duas características básicas que tornam a leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional: primeiro, ele lê porque tem algum objetivo em mente, isto é, sua leitura é realizada sabendo para que está lendo, e, segundo, ele compreende o que lê, o que seus olhos percebem seletivamente é interpretado, recorrendo a diversos procedimentos para tornar o texto inteligível quando não consegue compreender (KLEIMAN, 2000, p. 51, apud KRIEGL, 2002).

Ao ler, vamos realizando uma grande quantidade de operações mentais, de modo que possamos continuar a leitura. Em alguns momentos, a durante a leitura, podem surgir obstáculos. Daí a importância das estratégias de leitura para tornar o processo de ler em algo que nos cause a satisfação de objetivo alcançado.

De acordo com Leffa (1996, p.24):

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir um outro segmento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto.

Por meio desse olhar sobre a leitura, pode-se observar que ela é um processo amplo e complexo, que exige mais do leitor do que simplesmente o conhecimento linguístico.

Segundo a BNCC (1997, p.53):

Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita.

Percebe-se então que a leitura é um processo complexo e rico, envolvendo a interação entre os elementos trazidos pelo texto e aqueles que o leitor carrega com ele.

Para Freire (1986, p.23):

A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. [...] Linguagem e realidade se aprende dinamicamente. [...] A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela.

Portanto percebe-se que para que a leitura tenha significado deve ser trabalhada de acordo com os conhecimentos prévios que o indivíduo possui.

De acordo com Soares (2004), apud Brilhante (2010, p.7)

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania.

Então nota-se que a leitura deve ser incentivada por meio de novas práticas de ensino, na qual os alunos tenham processo ensino aprendizagem significativo, que permita entender e se apropriar da complexidade do mundo da escrita.

ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Silveira (1998, p.151), afirma que o bom leitor é formado em situação de ensino.

O ser humano é caracterizado pela linguagem, portanto, tem uma habilidade de leitura, todavia, esta deve ser desenvolvida na escola, de forma que o aluno adquira estratégias adequadas sociocognitivas para processar interacionalmente as informações, não se reduzindo, assim, a um mero reprodutor de conhecimentos. Estas estratégias são aprendidas progressivamente e, por isso, não se pode mais considerar o aluno um leitor apenas porque aprendeu a fase da decifragem das letras.

Quer dizer que todos os seres humanos nascemos com a habilidade da leitura, entretanto, não se pode ter uma visão simplista do ato da leitura já que o bom leitor não é aquele que juntar letras para formar palavras, o bom leitor é aquele que consegue interagir com o texto, de maneira, ampliar idéias, relacioná-los a outros textos e tirar dele novas proposições. É um lugar propício para aprendizagem dessa ação é a escola que irá orientar o aluno a tornar-se um leitor proficiente e consciente de sua posição frente a um texto.

De acordo com Koch (2007), qualquer texto traz várias idéias implícitas, perceptíveis pela mobilização do contexto sociocognitivo no interior do qual se movem os atores sociais (leitor e autor), isto é, as informações lidas produzem interacionalmente em conhecimentos novos para o leitor. Sendo assim, Koch (2005) compara a leitura com o jogo da linguagem, no qual os estrategistas ou atores sociais utilizam processos de ordem sociocognitiva, interacional e textual para produzir sentido.

Nesse processo, interage o escritor ou planejador, o qual planeja e organiza o texto, disponibilizando para o leitor as informações para ele pertinentes para a produção do sentido, o texto, o qual contém as informações explícitas e implícitas organizadas pelo planejador, e o leitor, que, a partir do texto, faz as representações necessárias a fim de construir um sentido para esse texto.

Isto é, existe uma série elementos explícitos ou implícitos que envolvem o texto para que se alcance a total compreensão do que seja um texto. Esses elementos podem ser inseridos no texto não só de maneira explícita (que se pode reconhecer), mas, também de

maneira implícita, sendo que essa última não pode ser compreendida apenas com a decodificação dos símbolos da linguagem.

Os implícitos fazem com que o ato de leitura não se restrinja somente a leitura do código linguístico, mas permitam que, por meio deles, compreendamos as informações que não foram inseridas no enunciado de modo direto, claro. Eles podem ser entendidos como pressupostos ou subentendidos.

De acordo com Pires (2004, p. 25), o implícito pode manifestar-se na língua por meio de dois procedimentos distintos: pressupostos, inscritos no conteúdo do enunciado, e os subentendidos, fundado na enunciação. Quer dizer que os pressupostos são informações que não são expressas de forma direta, mas, o leitor pode percebê-las a partir de certas palavras ou expressões contidas no texto. Já os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma informação.

Tanto as informações explícitas quanto as implícitas são importantes, pois, esses elementos se entrelaçam no texto para que o texto não seja um mero acúmulo de frases, mas que estas estejam ligadas a um contexto.

Segundo Koch (2005, p. 24):

O conhecimento lingüístico propriamente dito, o conhecimento enciclopédico, quer declarativo, quer episódico (frames, scripts), o conhecimento da situação comunicativa e de suas “regras” (situacionalidade), o conhecimento superestrutural (tipos textuais), o conhecimento estilístico (registros, variedades da língua e sua adequação às situações comunicativas), o conhecimento sobre os variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, bem como o conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura (intertextualidade).

Portanto, o ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor, por meio das quais ele extrai informações. Segundo Koch (2005), a mobilização desses conhecimentos por ocasião do processamento textual realiza-se por meio de estratégias de diversas ordens:

- *Cognitivas: inferências, focalização, a busca de relevância.*
- *Sociointeracionais: preservação das faces, polidez, atenuação, atribuição de causas a (possíveis), mal-entendidos, etc.;*
- *Textuais: conjunto de decisões concernentes à textualização, feitas pelo produtor do texto, tendo em vista seu “projeto de dizer” (pistas, marcas, sinalizações).*

Segundo Valls (1990, apud SOLÉ, 2008, p. 69),

A estratégia é uma forma de regular a atividade das pessoas, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta que se propõe.

Dessa forma, segundo Scott (apud KATO, 2007, p. 131), se organizássemos as estratégias de forma de máxima teríamos:

I Estratégias cognitivas:

1. *Pressupõe que o texto apresenta ordem canônica.*
2. *Pressupõe que o texto seja coerente.*

II Estratégias metacognitivas:

1. *Explicita claramente seus objetivos para a leitura. Exemplos:*

- *Procure o tema do texto.*
- *Analise a consistência interna do texto.*
- *compare o que texto diz com o que você sabe sobre o assunto e veja se as duas informações são coerentes, etc.*
- *Monitore sua compreensão tendo em mente esses objetivos.*

Assim, as estratégias cognitivas “munem o leitor de procedimentos altamente eficazes e econômicos, responsáveis pelo processamento automático e inconsciente”, enquanto, as estratégias metacognitivas “orientam o uso dessas estratégias para desautomatizá-los em situações problemas.” (KATO, 2007, p. 135)

Entretanto, para Solé (2008, p.69-70),

estratégias de compreensão leitora são procedimentos de caráter elevado, as quais envolvem a presença de objetivos a serem realizados e o planejamento das ações que são desencadeadas para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança.

Ou seja, uma das características das estratégias consiste no fato de não prescreverem totalmente o curso de uma ação, elas são suspeitas inteligentes, embora, arriscadas, sobre o caminho mais adequado que se deve seguir. Então, ao ensinar estratégias de leitura em sala de aula, deve-se ter em mente que as técnicas que não são como receitas infalíveis na construção de um aluno-leitor proficiente, mas auxiliam o aluno a alcançar os objetivos propostos. Dessa forma, as estratégias de compreensão e de interpretação representaram a possibilidade de proporcionar meios de amadurecimento e autonomia para o leitor em formação, prioridade da prática pedagógica, porém, deve-se ser consciente das dificuldades inerentes ao processo, mas certos da capacidade de transformação nele contida.

Para Solé (2008), poder ler é compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos, de maneira a contribuir de forma decisiva para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. Porém, para alcançar esse objetivo, é necessário que o professor tenha claro as estratégias de leitura que serão necessárias para o processo.

Ainda, Solé (2008) ressalta que a maior parte das atividades escolares é voltada para avaliar a compreensão da leitura dos alunos e não para o ensino de estratégias que formem o leitor competente. Portanto, o trabalho com a leitura em sala de aula é apresentado pela autora consiste em três etapas de atividades com o texto: o antes, o durante e o depois da leitura.

Essas etapas funcionam de maneira subjetiva para cada aluno, pois, eles trabalham de uma forma diferente, isto é, depende da clareza e coerência do conteúdo dos textos, do grau em que o conhecimento prévio do leitor e ainda das estratégias que utilizará para intensificar a compreensão e a lembrança daquilo lê.

O aluno deve compreender que o texto oferece muito mais do que traz em sua superficialidade, assim, é preciso estabelecer previsões. Cabe ao professor conduzir os alunos à observação dos aspectos pertinentes ao texto proposto, tais como a estrutura, título, ilustrações, cabeçalho, o que se conhece sobre o autor, etc. e mostrar-lhes o quanto estes aspectos permitem antecipar o conteúdo do texto.

Após esse processo de preparação para a leitura, o professor deve induzir os alunos a formularem perguntas, objetivando dar sentido ao ato de ler. Por meio das perguntas, o professor poderá inferir a real situação dos alunos com relação à compreensão do texto e propor novas reflexões, tudo isso ajudará na construção do significado do texto.

Depois de conseguir a motivação e o envolvimento do aluno com o texto que se pretende ler por meio das estratégias que o levam a assumir um papel ativo, inicia-se a atividade de leitura. Neste momento, o leitor reunirá o esforço da pré-leitura no sentido de construir uma interpretação possível do texto.

(...) para que um mau leitor deixe de sê-lo, é absolutamente necessário que possa assumir progressivamente o controle do seu próprio processo e entenda que pode utilizar muitos conhecimentos para construir uma interpretação plausível do que está lendo: estratégias de decodificação, naturalmente, mas também estratégias de compreensão: previsões, inferências, etc. as quais precisa compreender o texto (SOLE, 2008, p. 126).

Depois dos processos de pré-leitura e a própria leitura, chega-se ao momento em que se realiza uma interpretação mais profunda, pois, o aluno já possui os pré-requisitos desejados para que ocorra a busca dos implícitos do texto. Dessa forma, o aluno pode identificar com mais clareza qual é a ideia principal do texto, pode sintetizar os parágrafos ou o texto todo, etc.

Por fim, vale, no final do processo, certificar-se da compreensão do texto feita pelo aluno, pois, essa é maneira de saber se as estratégias de leituras foram empregadas corretamente ou se é necessário retomar mais alguns pontos obscuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se pensar no processo da leitura o educando tem que buscar compreender e refletir a respeito do significado que a leitura representa para si.

O ato de ler está além da obrigatoriedade, transpassando o simples fato de saber ler, buscando o prazer em ler um livro ou um texto e aprendendo a apreciar uma leitura além do espaço escolar.

Percebe-se que nas salas de aula, muitas vezes a leitura de textos não tem significado e não fazem parte do contexto do educando. Com uma leitura mecânica e sem emoção a

aprendizagem acaba tornando-se um momento ineficiente na busca pelo entendimento do educando com o mundo letrado e é durante esse processo que os professores precisam mudar suas estratégias em forma de ser mediador e tornar a leitura mais prazerosa e significativa, fundamentalmente na alfabetização.

Ao ser estimulado por meio de situações prazerosas com a leitura, desperta-se no indivíduo o desejo de saber, com isso o ato de ler provoca uma fácil adaptação no processo da alfabetização.

O momento da leitura deverá ser pensado, repensado e planejado, fazendo parte do contexto com o que está sendo ensinado em sala de aula, beneficiando o aprendizado dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. Disponível em ftp://ftp.fnde.gov.br/web/fundeb/quadro_comparativo_fundeb_fundef.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2020.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 13 ed., 1986. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v.4).
- KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- KOCH, Ingedore G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 10 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: UFSC, 1988.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. São Paulo: Artmed, 2008.